

4/26/2021 6:00:24 PM - INVESTIMENTOS

## NAU CAPITAL/ANDRÉ MOURA: BRASILEIRO TORNA-SE GLOBAL, MAS SEGUE DOMÉSTICO ENQUANTO INVESTIDOR

Por Bruna Camargo

São Paulo, 26/04/2021 - O brasileiro viaja para o exterior, manda os filhos para universidades estrangeiras e adora comprar bens produzidos fora do país, mas, quando chega a hora de investir, ainda escolhe ficar dentro de casa. O viés doméstico para investimentos não é uma exclusividade do Brasil, mas deve ter uma virada no futuro próximo, segundo conta André Moura, sócio da Nau Capital, em entrevista ao **Broadcast**.

“O brasileiro, em média, investe 95% do seu patrimônio líquido no Brasil e 5% fora. Já um alemão investe, mais ou menos, 50% na Alemanha e 50% fora. É normal querer deixar capital no próprio país, mas surpreende que no caso do Brasil isso ainda seja de quase 100%”, afirma Moura.

Os números não valem apenas para brasileiros morando por aqui. O especialista, atualmente morador de Lisboa, em Portugal, revela que mesmo se mudando para o exterior, o investidor deixa 90% do patrimônio no Brasil. “É difícil de entender, porque todo seu custo e referência é numa moeda forte, mas mantém todos seus ativos investidos numa moeda mais fraca”, diz.

“Isso se deve, em grande parte, ao fato de que, por muitos anos, o Brasil teve uma taxa de juros que não existia em nenhum outro lugar. Além disso, ninguém gosta de correr risco ou investir no desconhecido”, explica Moura, que afirma ter convicção de que esse cenário de alocação vai mudar.

Na Nau Capital, que atende aproximadamente 40 famílias e tem por volta de R\$ 1,3 bilhão de carteira, o especialista lida com investidores cujo tíquete médio é de R\$ 40 milhões. Para Moura, o desafio é levar os clientes private a conhecerem os investimentos de fora do Brasil.

“Tenho dificuldade de acreditar que a bolsa brasileira, ao longo dos próximos anos, vai ser melhor que todas as outras do mundo. Então por que não olhar para Estados Unidos, Europa e Ásia? Temos vários temas novos e é complicado ficarmos somente na nossa economia, que é tão focada em commodities”, afirma.

Moura afirma que a renda fixa é uma classe de ativos relativamente ruim em qualquer região do mundo e, por isso, os olhos sempre voltam para as bolsas internacionais. “A perspectiva é de que, pelo menos pelos próximos dois anos, a gente ainda vai viver um cenário de taxa de juros muito baixa, portanto, as alocações em renda variável são mais relevantes”, conta.

Com 2022 e um processo eleitoral no Brasil em vista, Moura sabe que a tendência é uma volatilidade maior no mercado. Mas, para ele, a vontade de o brasileiro fazer investimentos de médio e longo prazo e a aceitação em abrir um pouco de mão da liquidez favorecem essa mudança. Nem mesmo o câmbio deve incomodar. “Se fizer uma alocação num ativo não brasileiro e essa alocação for acertada, a questão do câmbio é irrelevante, pois ao longo dos anos tende a anular essa possível perda pela valorização do ativo em si”, afirma.

Quando o mercado financeiro fala em diversificação de carteira, a questão geográfica acaba perdendo espaço, segundo Moura. Para ele, tanto o investidor quanto o assessor que o atende devem se munir de mais informações. “O ponto é: olhe para as oportunidades no Brasil, mas não feche os olhos para o resto do mundo”, diz.

Contato: [bruna.camargo@estadao.com](mailto:bruna.camargo@estadao.com)

